

Racionais mc's



Sobrevivendo no inferno

Em memória!

Kiko, Nego Dinho, Keo, Helio, Kiko, Carlinhos

*Refrigere minha alma e guia-me pelo
caminho da justiça.
Salmo 23,3*

*E mesmo que eu ande no vale da
sombra e da morte, não temerei mal
algum porque tu estás comigo.
Salmo 23,4*

O evangelho marginal dos Racionais MC's

Acauam Silvério de Oliveira

SOBREVIVENDO NO INFERNO

1. Jorge da Capadócia

2. Gênesis (Intro)

3. Capítulo 4, versículo 3

4. Tô ouvindo alguém me chamar

5. Rapaz comum

6. ...

7. Diário de um detento

8. Periferia é periferia (em qualquer lugar)

9. Qual mentira you acreditar

10. Mágico de Oz

11. Fórmula mágica da paz

12. Salve

Agradecimentos

Ficha técnica do disco

Créditos das músicas

O EVANGELHO MARGINAL DOS RACIONAIS MC'S

ACAUAM SILVÉRIO DE OLIVEIRA*

Em 2 de outubro de 1992, São Paulo foi palco daquela que é considerada a mais violenta e brutal ação da história do sistema prisional brasileiro: o massacre do Carandiru, intervenção assassina da Polícia Militar do Estado de São Paulo que resultou na morte de pelo menos 111 detentos, a maioria composta de réus primários, sem nenhuma chance de defesa. Extermínio puro e simples que até hoje não foi reconhecido pelo Estado enquanto tal — documentos oficiais tratam o episódio como “rebelião” ou “motim” do Pavilhão 9.

Num intervalo de poucos meses, o país foi palco de outros dois massacres que chocaram o mundo. Em 23 de julho de 1993, quatro policiais militares dispararam contra cerca de cinquenta crianças e adolescentes em situação de rua que dormiam nas escadarias da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, deixando oito mortos e dezenas de feridos, num episódio que ficou conhecido como chacina da Candelária. E apenas um mês depois, em 29 de agosto de 1993, mais de trinta policiais militares encapuzados e sem uniforme assassinaram friamente 21 pessoas na chacina de Vigário Geral. Ao contrário do que afirmou a PM, nenhum dos mortos possuía ligação comprovada com o tráfico.

A sucessão de tragédias programadas no intervalo de menos de um ano confirmava, para quem estivesse disposto a ver, que o genocídio ocorrido no Carandiru não só não havia sido um acidente, como se tornava uma norma que não se restringia às cadeias do país. Longe de se tratar de equívocos ou desvios, a série de episódios trágicos configurava-se como um verdadeiro projeto de gerenciamento da miséria por meio da violência. O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública.

A compreensão profunda dessas tragédias — não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional — estará no centro de diversas mudanças ocorridas no campo cultural, que progressivamente tornariam possível o surgimento daquele que seria um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país, um disco no qual o massacre do Carandiru seria reconhecido como o acontecimento decisivo da nossa época (ocupando literalmente o centro do álbum), revelador da verdade maior do Estado brasileiro, contra o qual era necessário reagir.

O ano é 1997 e o disco é *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's.

OS QUATRO PRETOS MAIS PERIGOSOS DO BRASIL

Em 1997, os Racionais MC's já eram considerados um dos mais importantes grupos do cenário hip-hop nacional. O grupo se formou em 1988 a partir do encontro entre Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) — moradores do extremo sul de São Paulo — com Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) — moradores da Zona Norte — por meio da atuação do produtor cultural e ativista político Milton Sales, que conhecia tanto a cena que rolava na estação São Bento do metrô, frequentada por Brown e Blue, quanto a casa noturna Clube do Rap, na Bela Vista, dominada por KL Jay e Edi Rock, ambas na região central da cidade. Naquele mesmo ano, as composições “Pânico na Zona Sul”, de Brown, e “Tempos difíceis”, de Edi Rock e KL Jay, entrariam na coletânea *Consciência black*, e dois anos depois o grupo gravaria seu primeiro disco, *Holocausto urbano*, vendendo cerca de 200 mil cópias e tornando-se conhecido em todas as periferias paulistanas.

Após o EP *Escolha seu caminho* (1992), que contava com apenas duas composições (“Negro limitado” e “Voz ativa”), o grupo lança aquele que seria um dos grandes discos da história do rap, um marco para a história do movimento hip-hop e para o processo de autorreconhecimento das comunidades periféricas brasileiras: *Raio X do Brasil* (1993). O álbum apresentou uma série de mudanças em relação aos trabalhos anteriores, marcando uma nova postura do grupo diante de sua comunidade. Canções como “Fim de semana no parque” e “Homem na estrada” fazem do disco uma das mais importantes e radicais realizações culturais da época.

Mas é com *Sobrevivendo no inferno* que os Racionais alcançam projeção nacional, vendendo cerca de 1,5 milhão de cópias e atingindo todos os estratos sociais, de manos a playboys. O feito torna-se ainda mais impressionante se levarmos em consideração as relações tensas do grupo com o mercado fonográfico brasileiro em todas as suas ramificações, relutando em dar entrevistas e receber premiações ou divulgar seu trabalho na grande mídia. É importante salientar que, com o crescente sucesso comercial, a relação do grupo com a mídia, a imprensa, a crítica e o mercado se tornará cada vez mais complexa. Afinal, como “negociar” com as instâncias hegemônicas de legitimação sem abdicar do radicalismo de sua posição de classe? Diga-se de passagem, as complexidades e aporias dessa posição serão brilhantemente transformadas em questão estética no trabalho seguinte do grupo, *Nada como um dia após o outro dia* (2002), sintetizadas pelos antológicos versos de Edi Rock em “Negro drama”: “O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode

arrancar de dentro dele a favela”.

Progressivamente, *Sobrevivendo no inferno* foi sendo reconhecido como uma das grandes obras-primas da música popular brasileira. Pode-se dizer que nesse trabalho, lançado pela produtora independente Cosa Nostra, criada pelos próprios Racionais, o grupo alcança sua maturidade estética e crítica. Essa nova maneira de tematizar o cotidiano periférico teria impacto em vários segmentos artísticos, como a literatura, o teatro, o cinema e a televisão, tornando o grupo uma espécie de vetor para as mais diversas produções artísticas da periferia. O gradual reconhecimento do valor estético e cultural da obra levou também a um crescente interesse acadêmico, que se faz multiplicar em teses, artigos e dissertações. Mais recentemente, a obra entrou na lista de leituras obrigatórias de um dos mais prestigiados vestibulares do país. Em 2015, por ocasião da visita do papa Francisco ao Brasil, o então prefeito de São Paulo ofereceu o disco como presente do município ao sumo pontífice.

Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exageros ao de outras grandes obras pertencentes aos mais diversos campos culturais, como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Terra em transe*, de Glauber Rocha, e *Chega de saudade*, de João Gilberto. Em termos políticos, contudo, é praticamente sem paralelo. Para o ensaísta Francisco Bosco, por exemplo, o reconhecimento obtido pelo grupo após o sucesso nacional de “Diário de um detento” foi o grande responsável por fazer com que os debates promovidos pelos movimentos identitários extrapolassem as fronteiras mais estreitas da academia e dos movimentos sociais, ganhando assim o campo mais amplo da cultura. Já para o sociólogo Tiaraju D’Andrea, mais do que simplesmente representar o cotidiano periférico em crônicas poderosas, a obra dos Racionais ajudou a fundar uma nova subjetividade, criando condições para a emergência do que ele define como “sujeito periférico”: o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo “periferia” passaria a designar não apenas “pobreza e violência” — como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico —, mas também “cultura e potência”, confrontando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer.

A atuação do grupo foi decisiva para fazer do rap muito mais que uma simples representação da periferia. Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil.

O impacto da produção dos Racionais consiste, sobretudo, em sua extraordinária capacidade de formalização desse novo tipo de voz coletiva que emergia: uma fala da periferia para a periferia, que alteraria de modo radical o cenário cultural do país. Note-se que a novidade não está necessariamente na incorporação das vozes dos marginalizados ao campo da música popular, uma vez que uma das marcas mais poderosas da canção brasileira, e que a distingue de maneira radical de outras artes como a literatura e o cinema, é o protagonismo popular. Porém, ao contrário de outros gêneros — como o samba, por exemplo —, o sujeito que fala no rap não pode ser incorporado enquanto símbolo de uma coletividade nacional. Como afirma a psicanalista Maria Rita Kehl, os Racionais falam de igual para igual com os seus manos, mas contra os playboys e o Estado. Seu foco está na construção de uma fraternidade de iguais no interior de uma comunidade periférica que se afirma contra um projeto de nação que a deseja exterminar.

Por conta mesmo dessa distância com um projeto de integração nacional, o rap brasileiro se desvincula de certa linha de desenvolvimento da canção no país, filiando-se mais organicamente à tradição do rap norte-americano, que se constitui no final dos anos 1960, no bairro do Bronx, em Nova York — ainda que exista um vínculo decisivo com determinados artistas da cena black brasileira, como Jorge Ben e Tim Maia. Nesse sentido, o rap nacional pode ser considerado uma das grandes manifestações culturais com forte impacto sobre todo o campo da música popular brasileira, mas não é um desdobramento da chamada “linha evolutiva” da MPB (tal como formulado por Caetano Veloso), formada pela tríade samba/ bossa nova/ MPB, frequentemente interpretada como sendo a mais genuína representante da tradição musical nacional e pautada pelos princípios do encontro e das mediações culturais.

A aposta dos Racionais, ao contrário, está na construção de uma identidade formada a partir da ruptura com essa tradição conciliatória, por meio da afirmação de uma comunidade negra que se desvincula do projeto de nação mestiça concebido até então. Desde o princípio o rap nacional vai se reconhecer enquanto gênero cantado por negros que reivindicam uma tradição cultural negra por meio de um discurso de demarcação de fronteiras étnicas e de classe que denuncia o aspecto de violência e dominação contido no modelo cordial de valorização da mestiçagem: “A fúria negra ressuscita outra vez”, como diz Mano Brown em “Capítulo 4, versículo 3”.

Dessa maneira, podemos dizer que o rap desloca a canção brasileira de um dos seus principais pilares de organização de sentido até então: a identidade nacional pensada em termos de conciliação racial, via mestiçagem, e de classe, via nacional-desenvolvimentismo. É como se o gênero tomasse forma a partir dos

destroços desse projeto de formação do país, comprometendo-se de modo radical com aqueles que ficaram socialmente relegados às margens de um projeto de integração que nunca chegou a se completar. De fato, a complexidade desse ponto de vista obriga o ouvinte mais atento a recompor toda a história cultural brasileira sob outra perspectiva, desconstruindo suas principais linhas de organização de sentido até ali e abrindo-se para uma forma de dizer de tipo novo.

É óbvio que esse conjunto de mudanças encontrou muita resistência por parte da crítica especializada e defensores da tradição em geral, sobretudo por ter sido proposto por vozes socialmente marginalizadas. Dentre as críticas mais comuns estão as que sustentam que, ao alterar os códigos de identificação daquilo que se considerava até então como sendo a verdadeira cultura brasileira, o grupo estaria importando um conjunto de valores e ideias que não seriam capazes de captar aspectos essenciais da realidade local — inclusive com relação a certa tradição afro-brasileira, uma vez que em *Sobrevivendo no inferno* o negro é associado mais ao cristianismo do que às religiões de matriz africana, como é recorrente no samba e na MPB. Para tais críticas, tratava-se de um pensamento colonizado, uma espécie de paródia involuntária do rap norte-americano que seria, quando muito, um modismo passageiro.

O impacto e a potência de *Sobrevivendo no inferno*, contudo, logo deixariam evidente que eram antes os termos do problema que apareciam invertidos nesse tipo de abordagem crítica. De fato, a excelência estética do álbum tornava visível que o “problema” estava muito mais no conjunto de valores definidos enquanto “nacionais”, organizados a partir da exclusão de uma série de elementos fundamentais aos quais o rap vinha dar sentido e visibilidade, a começar pelo corpo negro do jovem periférico.

Ao romper com o modelo de representação do imaginário nacional que conferia sentido simbólico e ideológico à MPB, os Racionais fizeram da dissolução dessa imagem que orientava parte da sociedade brasileira a base estrutural de sua produção. Aquilo que para a MPB representou uma crise profunda — o próprio Chico Buarque chegou a afirmar que o modelo de canção que sua geração havia consolidado provavelmente teria chegado ao fim — foi o ponto de partida dos quatro jovens periféricos. Dessa maneira, o grupo conseguiu transfigurar em matéria formal aquilo que o Brasil havia efetivamente assumido enquanto projeto político: um verdadeiro campo de extermínio a céu aberto, que tem como aspecto decisivo a produção e a gestão da violência contra os mais pobres.

A CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA PERIFÉRICO

Ao se tratar das qualidades de *Sobrevivendo no inferno*, com frequência se insiste na novidade do ponto de vista periférico, na agressividade da postura

presente nas letras e nos arranjos, bem como no elevado grau de contundência das narrativas, carregadas com o senso de urgência daqueles que estão literalmente em meio a uma guerra. Contudo, outro aspecto fundamental do disco, e que não costuma receber o mesmo nível de atenção, é o elevado teor de densidade estética dessa perspectiva. Sem exageros, podemos dizer que poucas vezes a realidade brasileira foi analisada e representada com um olhar tão complexo, considerando-se inclusive as instâncias discursivas mais consagradas, como a academia e a literatura. Como afirma Walter Garcia, um dos primeiros críticos acadêmicos a explicitar com rigor aquilo que já se sabia naquele tempo, na obra dos Racionais ocorre uma plena adequação entre linguagem formal e conteúdo da experiência, adequação essa que é resultado de um trabalho estético vigoroso. Ou seja, a condição de “voz privilegiada da periferia” é resultado estético, e não ponto de partida da obra, e ainda que esse resultado só possa ser obtido a partir da realidade periférica, a relação entre “lugar de fala” e estrutura narrativa não se dá de modo automático.

Podemos afirmar que em seus trabalhos iniciais — *Holocausto urbano* e *Escolha seu caminho* — os Racionais ainda não haviam encontrado a linguagem mais adequada à sua proposta. Apesar de diversos elementos do rap já estarem presentes, como a denúncia e a crítica social, ainda não é possível dizer que existe ali uma linguagem em que a comunidade periférica se encontra efetivamente representada. Isso porque em várias dessas canções iniciais o rapper assume uma postura autoritária que apresenta pelo menos dois elementos principais. Por um lado, ele se coloca como superior em relação a quem está do lado de fora da comunidade, por ser alguém que vive a realidade periférica e que por isso pode falar com mais propriedade sobre o que se passa ali, como ocorre em “Pânico na Zona Sul”: “Então quando o dia escurece/ Só quem é de lá sabe o que acontece/ Ao que me parece prevalece a ignorância/ E nós estamos sós/ Ninguém quer ouvir a nossa voz”. Por outro lado, ele também assume um tom de autoridade em relação à própria periferia, acusando os moradores de serem alienados e limitados, como nestes versos de “Beco sem saída”: “Ficam inertes, não se movem, não se mexem/ Sabe por que se sujeitaram a essa situação?/ Não pergunte pra mim, tire você a conclusão”. Ou, ainda, em “Negro limitado”: “Não sabe o que dizer/ Veja só você, o número de cor do seu próprio RG/ Então, príncipe dos burros, limitado/ Nesse exato momento foi coroado”.

Esse tom de superioridade de quem busca se legitimar mediante certo distanciamento tanto daqueles que estão do lado de fora quanto dos que estão dentro da comunidade foi definido por Walter Garcia como “tom professoral”, um discurso catedrático cujo objetivo é assumir certa posição de autoridade em relação ao restante da comunidade — e que, para o pesquisador Ton Lopes,

marca toda a fase inicial do grupo. Como resultado, esses discos assumem muitas vezes uma postura até certo ponto autoritária que, ao silenciar as demais vozes periféricas, acaba por reproduzir a mesma violência que pretendiam denunciar. O próprio Brown anos mais tarde vai afirmar que não canta mais essas canções nos shows por conta dessa atitude arrogante e distanciada.

Entretanto, já a partir de *Raio X do Brasil* o grupo vai apresentar uma mudança radical de postura. O ponto de vista particular dos rappers deixa de ser o elemento principal em canções como “Pânico na Zona Sul” e “Mano na porta do bar” para se tornar apenas uma das muitas perspectivas possíveis, criando um mosaico de vozes e olhares contraditórios entre si. A obra se torna essencialmente aberta, apresentando perspectivas que são confrontadas da forma mais complexa possível e assumindo um modelo épico de representação narrativa, conforme definido por Walter Garcia. Longe de tornar o conjunto incoerente, a multiplicidade de vozes e olhares oferece uma percepção mais densa da realidade periférica ao conferir à dispersão das experiências particulares fragmentárias um sentido geral de coletividade.

Mas será com *Sobrevivendo no inferno* que enfim os Racionais vão adotar em definitivo esse modelo em todas as composições. “Diário de um detento”, por exemplo, é resultado de um processo coletivo de construção, uma parceria entre Jocenir, um dos sobreviventes do massacre do Carandiru, e Mano Brown. Além disso, os cadernos de Jocenir circularam pelo presídio para serem aprovados pelo coletivo carcerário antes de sua versão final. Nesse sentido, trata-se de uma canção que foi de fato composta por toda a comunidade carcerária, cujo sistema de valores é definido coletivamente a partir de múltiplos olhares que se sobrepõem na canção.

Da mesma forma, em “Capítulo 4, versículo 3” é possível observar com clareza essa mudança de perspectiva, a um só tempo ética e formal. Em determinado momento da canção surge uma personagem viciada em crack que é profundamente recriminada por Ice Blue. Contudo, toda vez que ele adota alguma postura de exclusão desse sujeito, imediatamente surge a voz de Brown relativizando a oposição (que nos primeiros discos seria absoluta):

ICE BLUE

Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola
Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí
[...]

MANO BROWN

Veja bem, ninguém é mais que ninguém
Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também

ICE BLUE

Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque
Os mano morre rapidinho, sem lugar de destaque

MANO BROWN

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?
Nem dá, nunca te dei porra nenhuma.

A postura adotada nesses casos é muito mais cuidadosa e humilde do que a anterior, e retira o ponto de vista do rapper da condição de verdade última inquestionável. Não existe mais apenas uma única perspectiva imposta como a mais correta. Em primeiro lugar porque cada uma delas carrega seu próprio conjunto de contradições e incertezas: “Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá/ Minha ideologia enfraqueceu/ Preto, branco, polícia, ladrão ou eu?/ Quem é mais filha da puta, eu não sei/ Aí fudeu” (Mano Brown em “Fórmula mágica da paz”). Em segundo lugar porque, mesmo diante de perspectivas que são irreconciliáveis (como a do trabalhador que é morto pelo bandido), existe todo um cuidado de compreensão e acolhimento do outro que pertence à mesma comunidade em nome de um bem comum (a interrupção do ciclo perpétuo de mortes): “A gente vive se matando, irmão, por quê?/ Não me olha assim, eu sou igual a você/ Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho/ Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho” (idem).

Em *Sobrevivendo no inferno*, a figura do professor autoritário dos primeiros discos cede lugar à postura do pastor-marginal, aquele que almeja “conseguir a paz de forma violenta” (“Diário de um detento”) portando uma “Bíblia velha, uma pistola automática” e “um sentimento de revolta” (“Gênesis”). Ao contrário do professor, de olhar distanciado e senhor da verdade, o pastor-marginal acolhe e guia seus irmãos pelo vale das sombras a partir da palavra divina, construída coletivamente por toda a comunidade de irmãos. Enquanto o objetivo do professor é transmitir a sua verdade, o pastor deseja salvar a alma dos irmãos desgarrados, livrando-os das mãos do demônio, mais próximo e mais destrutivo do que se imagina: “Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor/ Pelo rádio, jornal, revista e outdoor/ Te oferece dinheiro, conversa com calma/ Contamina seu caráter, rouba sua alma/ Depois te joga na merda, sozinho/ Transforma um preto tipo A num neguinho”, prega Mano Brown em “Capítulo 4, versículo 3”. O discurso é de aceitação e acolhimento, mas também de rigor, pois a salvação da alma depende de que o sujeito se comprometa a andar “pelo certo”.

A mudança de linguagem do professor autoritário para a do pastor-marginal transforma também a função dessa palavra, portadora de uma verdadeira teologia da sobrevivência. É uma palavra de salvação que não mais se dirige ao Estado ou a qualquer outra instância externa à própria comunidade. Ela é caminho de salvação, desde que aquele que a escute comprehenda e aceite os caminhos do proceder periférico. Seu objetivo maior é formar os sujeitos para a construção de uma ética comunitária que os permita viver a “vida loka” — o

estado geral de precarização das condições de existência marcadas pelo risco iminente e pela contingência — sem desandar, ou seja, permanecendo vivos. Em termos gerais, isso significa que as canções de *Sobrevivendo no inferno* não pretendem ser interpretadas como mera narrativa (mais ou menos como não faz sentido ler um manual de guerrilha como mero entretenimento durante uma guerra, ou imaginar um evangélico fazendo uma leitura puramente ficcional da Bíblia). O texto almeja partilhar uma sabedoria construída coletivamente pela periferia, integrando-a à vivência dos sujeitos.

Os Racionais produziram a mais radicalmente engajada obra da história da música popular brasileira — incluindo aqui a MPB dos anos 1960 —, o que, no limite, altera o próprio significado do termo “representação” artística. Como afirmou Mano Brown em 1998, em entrevista à revista *ShowBizz*: “Não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista”. Em *Sobrevivendo no inferno*, a ética atravessa a dimensão estética de tal maneira que, em seus momentos de maior contundência, o valor da obra deve ser calculado por sua capacidade de, literalmente, salvar vidas. Esse é o grau de radicalidade dessa produção.

Sendo conduzido por um pastor-marginal, não é de espantar que o disco assuma a forma de um culto evangélico — em diálogo com o crescimento vertiginoso das igrejas neopentecostais, que progressivamente assumiam centralidade nos processos de sociabilização das comunidades periféricas. São vários os elementos do imaginário cristão presentes no disco, a começar pela capa, que traz em seu centro uma cruz amarelada, juntamente com uma transcrição do Salmo 23 (“Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça”) — cântico de proteção entoado pelo rei Davi ao ver-se cercado por seus inimigos num oásis. Também na contracapa, em que se apresenta a imagem de um homem negro, de costas, empunhando uma arma, vemos a transcrição de outro trecho do mesmo salmo (“E mesmo que eu ande no vale da sombra e da morte, não temerei mal algum porque tu estás comigo”). Capa e contracapa como que materializam as palavras entoadas por Mano Brown em “Gênesis”: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática/ Um sentimento de revolta/ E tô tentando sobreviver no inferno”. Mais: as imagens usadas no encarte do disco, feitas por Klaus Mitteldorf, fotógrafo que os acompanha há mais de 25 anos, trazem os Racionais em vários ambientes de uma igreja, além de fotos em que vemos os integrantes do grupo, acompanhados por outros manos, alguns deles portando armas, tendo a paisagem de suas quebradas ao fundo.

De forma bastante livre, e aproveitando-se das sugestões teológicas do disco, podemos esquematizar as várias partes desse “culto” onde se exploram as diversas contradições entre os modelos éticos (crime, neopentecostal e rap)

presentes na periferia. Teríamos assim a seguinte divisão: cântico de louvor e proteção direcionado ao santo guerreiro (“Jorge da Capadócia”); leitura do evangelho marginal (“Gênesis”); entrada em cena do pregador do proceder, explicando (ou confundindo, a depender da necessidade) os sentidos da palavra divina (“Capítulo 4, versículo 3”); o momento dos testemunhos das almas que se perderam para o diabo, com resultados trágicos (“Tô ouvindo alguém me chamar” e “Rapaz comum”); *intermezzo* musical para velar aquelas mortes, interrompido por tiros que fazem recomeçar o ciclo; a pregação ou mensagem central (massacre do Carandiru) que liga o destino daqueles sujeitos ao de toda a comunidade (“Diário de um detento”), chave de compreensão do destino de todos e descrição do próprio inferno; exemplos do modo de atuação do diabo no interior da comunidade (“Periferia é periferia”); exemplos do modo de atuação do diabo fora da comunidade (“Qual mentira vou acreditar”). Ao final, um momento de autorreflexão sobre os limites da própria palavra enunciada (“Mágico de Oz” e “Fórmula mágica da paz”) e os agradecimentos a todos os presentes, verdadeiros portadores da centelha divina (“Salve”).

Esse modelo de organização rigoroso, diga-se de passagem, é responsável por alguns resultados estéticos notáveis. Poucos discos nacionais têm o mesmo senso de organicidade, com início, meio e fim construindo juntos os sentidos da obra. A introdução, que se estende desde a faixa de abertura até a fala inicial de Primo Preto, é talvez um dos melhores começos de álbum da história da música popular. A riqueza do conjunto e o senso de organicidade podem tranquilamente ser comparados aos de obras-primas como *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, ou *The Dark Side of the Moon*, do Pink Floyd.

“DESCANSE O SEU GATILHO, MEU RAP É O TRILHO”

Em *Sobrevivendo no inferno*, o modelo ético periférico é construído de forma mais radical, em primeiro lugar, na vida do crime. Os presos não apenas têm direito a voz, ou “lugar de fala”: seus ensinamentos precisam ser incorporados como condição de sobrevivência. Isso significa que a obra dos Racionais faz apologia à criminalidade? Muito pelo contrário: basta acompanhar as letras de todas as canções e tentar encontrar algum caso de um criminoso que não tenha final trágico. “A vida bandida é sem futuro”: esta talvez seja a principal lição do disco. Acontece que o ponto de vista das canções a respeito da criminalidade e da violência é muito mais complexo que o olhar do “cidadão de bem” conservador (para quem bandido bom é bandido morto) e o do “defensor dos direitos humanos” (para quem o bandido é mera vítima da sociedade, por ser pobre). Afinal, é a sobrevivência da comunidade que está em jogo.

Ao longo dos anos 1990 até boa parte dos anos 2000, tanto os Racionais quanto o rap brasileiro em geral vão reconhecer no destino do bandido e do

marginal — naquilo que ele representa do grande outro não integrável à ordem nacional — o segredo para a emancipação da periferia como um todo, uma vez que a produção do bandido preto pobre como “inumano” é condição de manutenção da normalidade social. A radicalidade do rap consiste também em reivindicar a inclusão desse sujeito cuja exclusão é a própria condição de existência do sistema, reconhecendo no dilema do detento e do marginal o destino de toda periferia enquanto avesso da civilização brasileira. Como afirma o cientista social Gabriel Feltran, o crime nessas narrativas não é o oposto da lei e da ordem, mas o esteio normativo possível para a consolidação de uma comunidade mais justa.

A tarefa fundamental do rapper passa a ser, portanto, propor novas formas de sobrevivência aos sujeitos periféricos, posicionando-se ao lado do bandido (sem se confundir com ele) ao mesmo tempo que se define enquanto marginal, ou seja, um sujeito destinado a morrer pelas mãos do Estado, mas que consegue sobreviver no inferno: “Permaneço vivo, prossigo a mística/ Vinte e sete ano contrariando a estatística”, proclama Mano Brown em “Capítulo 4, versículo 3”. O objetivo maior é construir, em conjunto com a comunidade periférica, um caminho de sobrevivência para todos os irmãos, bandidos inclusos, por meio da palavra tornada arma. Mais que isso, o rap reconhece que apenas assumindo todas as complexas implicações desse lugar de marginalidade será possível para a periferia construir espaços emancipatórios.

Uma vez que um dos fundamentos do modelo brasileiro de organização social é a generalização da violência contra a periferia, pode-se dizer que o projeto ético e estético do grupo consiste em negar um dos principais pilares da formação do país. Daí seu elevado grau de periculosidade. Trata-se, enfim, de reconhecer no massacre do Carandiru a verdade maior do Estado brasileiro (assim como os pensadores frankfurtianos reconheciam em Auschwitz um laboratório para todo o projeto de civilização do Ocidente) e criar os meios necessários para evitar sua repetição. *Sobrevivendo no inferno* é a imagem mais bem-acabada de uma sociedade genocida que se tornou humanamente inviável, e uma tentativa radical, esteticamente brilhante, de sobreviver a ela.

REFERÊNCIAS

- BOSCO, Francisco. *A vítima tem sempre razão?* São Paulo: Todavia, 2017.
- D’ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2013 (tese de doutorado em sociologia).
- FELTRAN, Gabriel de Santis. “Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do ‘crime’ numa tradição musical das periferias”. *Revista*

- do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 56, pp. 43-72, 2013.
- GARCIA, Walter. “Diário de um detento: uma interpretação”. In:
NESTROVSKI, A. (org.), *Lendo música*. São Paulo: Publifolha, 2007.
- _____. “Elementos para a crítica da estética do Racionais MC’s (1990-2006)”. *Ideias — Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp*, v. 1, pp. 81-110, 2013.
- KEHL, Maria Rita. “Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo”. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 3, pp. 95-106, 1999.
- LOPES, Charleston Ricardo Simões. *Racionais MC’s: do denuncismo deslocado à virada crítica (1990-2006)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2015 (dissertação de mestrado em literatura brasileira).
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fim da canção? Racionais MC’s como efeito colateral do sistema cançional brasileiro*. São Paulo: FFLCH-USP, 2014 (tese de doutorado em literatura brasileira).
- SCHWARZ, Roberto. “Nacional por subtração”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

* Professor de literatura brasileira na Universidade de Pernambuco.

SOBREVIVENDO NO INFERNO

JORGE DA CAPADÓCIA

Jorge Ben

Ogunhê!

Jorge sentou praça na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia
Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam
E nem mesmo um pensamento eles possam ter
Para me fazerem mal
Armas de fogo meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Jorge é de Capadócia
Salve Jorge!
Salve Jorge!

GÊNESIS (INTRO)

Mano Brown

MANO BROWN

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor
O homem me deu a favela, o crack, a trairagem
As arma, as bebida, as puta
Eu?
Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática
Um sentimento de revolta
E tô tentando sobreviver no inferno

CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3

Mano Brown

[PRIMO PRETO]

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras

Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros

A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

MANO BROWN

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

O preto aqui não tem dó, é 100% veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá

Eu tenho uma missão e não vou parar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além

E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, ou um anjo, um mágico

Ou juiz, ou réu, um bandido do céu

Malandro ou otário, padre sanguinário

Franco-atirador, se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal

Antigo e moderno, imortal

Fronteira do céu com o inferno

Astral imprevisível, como um ataque cardíaco

Do verso violentamente pacífico, verídico

Vim pra sabotar seu raciocínio

Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro loko

Número um, guia, terrorista da periferia

Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto

KL JAY

Um, nove, nove, sete

MANO BROWN

Depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez

Racionais, capítulo 4, versículo 3

[VÁRIOS]

Aleluia

Aleluia

Racionais no ar

Filha da puta!

Pá, pá, pá!

ICE BLUE

Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom

Eu tô na rua de bombeta e moletom

Dim-dim-dom, rap é o som que emana do Opala marrom

E aí... chama o Guilherme, chama o Vainer, chama o Dinho e o Di

Marquinho, chama o Éder, vamo aí

Se os outros mano vêm, pela ordem, tudo bem, melhor

Quem é quem no bilhar, no dominó

MANO BROWN

Colou dois mano, um acenou pra mim

De jaco de cetim, de tênis, calça jeans

ICE BLUE

Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola

Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara, só o pó, pele e osso

No fundo do poço, uma pá de flagrante no bolso

MANO BROWN

Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também

ICE BLUE

Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque

Os mano morre rapidinho, sem lugar de destaque

MANO BROWN

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?
Nem dá, nunca te dei porra nenhuma
Você fuma o que vem, entope o nariz
Bebe tudo que vê, faça o diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa
Mó estilo, de calça Calvin Klein, tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope
Mas começou a colar com os branquinho do shopping

EDI ROCK

Aí já era

MANO BROWN

Ih, mano, outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinque
Puta de butique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
Faz uns nove anos
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as tia sente medo
Muito louco de sei lá o quê... logo cedo
Agora não oferece mais perigo
Viciado, doente, fudido, inofensivo
Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda, sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma

Louvado seja o meu Senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
E nem sentar o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei
Racionais, capítulo 4, versículo 3

[VÁRIOS]

Aleluia
Aleluia
Racionais no ar
Filha da puta!
Pá, pá, pá!

EDI ROCK

Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro-forte na febre com sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou o que procura vida nova na condicional
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela
Ouvindo um rádio velho no fundo de uma cela
Ou o da família real de negro, como eu sou
O príncipe guerreiro que defende o gol

MANO BROWN

E eu não mudo, mas eu não me iludo
Os mano cu de burro tem, e eu sei de tudo
Em troca de dinheiro e um carro bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Hahá, pra ver branquinho aplaudir
Na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um, você se sente só
Tem mano que te aponta uma pistola e, fala sério,
Explode sua cara por um toca-fita velho
Click, plau, plau, plau e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor
Limpa o sangue com a camisa e manda se foder
Você sabe por quê, pra onde vai, pra quê

Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pegar cinquenta conto, trocar por cocaína
Enfim, o filme acabou pra você
A bala não é de festim, aqui não tem dublê
Para os mano da Baixada Fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro
É foda
Foda é assistir à propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
Playboy forgado, de brinco, cu, trouxa
Roubado dentro do carro na avenida Rebouças
Correntinha das moça, as madame de bolsa
Dinheiro... Não tive pai, não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele moleque de touca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada, sem roupa, você e sua mina
Um, dois, nem me viu, já sumi na neblina
Mas não...
Permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete ano contrariando a estatística
Seu comercial de TV não me engana
Eu não preciso de status nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Apoiado por mais de cinquenta mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez
Racionais, capítulo 4, versículo 3

TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR

Mano Brown

[OUTRO]

Aí, mano, o Guina mandou isso aqui pra você!

MANO BROWN

Tô ouvindo alguém gritar meu nome

Parece um mano meu, é voz de homem

Eu não consigo ver quem me chama

É tipo a voz do Guina

Não, não, não, o Guina tá em cana

Será? Ouvi dizer que morreu, sei lá

Última vez que eu o vi, eu lembro até que eu não quis ir, ele foi

Parceria forte, aqui, era nós dois

Louco, louco, louco, e como era

Cheirava pra caraio, vixe, sem miséria

Doido ponta firme

Meu professor no crime

Também... mó sangue-frio, não dava boi pra ninguém

Puta, aquele mano era foda

Só moto nervosa

Só mina da hora

Só roupa da moda

Deu uma pá de blusa pra mim

Naquela fita na butique do Itaim

Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim

Vida de ladrão não é tão ruim

Pensei, entrei, no outro assalto eu colei, pronto

Aí o Guina deu mó ponto

(gritos)

Aí! É um assalto! Todo mundo pro chão, pro chão!

Aí, filha da puta, aqui ninguém tá de brincadeira, não!

Nós oferece o cofre, mano... o cofre, o cofre!

Vai, vai, vai!

Na moral, o bicho vai pegar aqui!

MANO BROWN

Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés
Apavorei, desempenho nota dez
Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
O segurança tentou ser mais esperto

[OUTRO]

Então

MANO BROWN

Foi defender o patrimônio do playboy

[OUTRO]

Cuzão

(tiros)

MANO BROWN

Não vai dar mais pra ser super-herói
Se o seguro vai cobrir... Hehe... Foda-se, e daí?

O Guina não tinha dó

Se reagir, bum, vira pó

Sinto a garganta ressecada

E a minha vida escorrer pela escada

Mas se eu sair daqui eu vou mudar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

(sirenes, risos, respiração ofegante)

MANO BROWN

Tinha um maluco lá na rua de trás

Que tava com moral até demais

Ladrão, ladrão, e dos bons

Especialista em invadir mansão

Comprava brinquedo à reveria

Chamava a molecada e distribuía

Sempre que eu via, ele tava só

O cara é gente fina, mas eu sou melhor

Eu aqui na pior, ele tem o que eu quero

Joia escondida e uma três-oito-zero

No desbaratino, ele até se crescia

Se pã, ignorava até que eu existia

Tem um brilho na janela, é, então

A bola da vez tá vendo televisão

(voz que sussurra)

Psiu... Vamo, vai, entramo

MANO BROWN

O Guina no portão, eu e mais um mano

[OUTRO]

Como é que é, neguin?

MANO BROWN

Hum... Se dirigia a mim

E ria, ria, como se eu não fosse nada

Ria, como fosse ter virada

Estava em jogo, meu nome é atitude

Era uma vez Robin Hood

Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto

Tipo me olhando, me jurando

Eu tava bem de perto e acertei os seis

O Guina foi e deu mais três

Lembro que um dia o Guina me falou

Que não sabia bem o que era amor

Falava quando era criança

Uma mistura de ódio, frustração e dor

De como era humilhante ir pra escola

Usando a roupa dada de esmola

E ter um pai inútil, digno de dó

Mais um bêbado, filha da puta e só

Sempre a mesma merda, todo dia igual

Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal

Longe dos cadernos, bem depois

A primeira mulher e o vinte e dois

Prestou vestibular no assalto do busão

Numa agência bancária se formou ladrão

Não, não se sente mais inferior

Aí, neguinho, agora eu tenho o meu valor

Guina, eu tinha mó admiração, ó

Considerava mais do que meu próprio irmão, ó

Ele tinha um certo dom pra comandar

Tipo linha de frente em qualquer lugar

Tipo condição de ocupar um cargo bom e tal

Talvez em uma multinacional

É foda

Pensando bem, que desperdício
Aqui na área acontece muito disso
Inteligência e personalidade
Mofando atrás da porra de uma grade
Eu só queria ter moral e mais nada
Mostrar pro meu irmão
Pros cara da quebrada
Uma caranga e uma mina de esquema
Algum dinheiro resolvia o meu problema
Que que eu tô fazendo aqui?
Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão
Uma criança chorando, eu com um revólver na mão
Ou era um quadro do terror, e eu que fui o autor
Agora é tarde, eu já não podia mais
Parar com tudo, nem tentar voltar atrás
Mas no fundo, mano, eu sabia
Que essa porra ia zoar a minha vida um dia
Me olhei no espelho e não reconheci
Estava enlouquecendo, não podia mais dormir
Preciso ir até o fim
Será que Deus ainda olha pra mim?
Eu sonho toda madrugada
Com criança chorando e alguém dando risada
Não confiava nem na minha própria sombra
Mas segurava a minha onda
Sonhei que uma mulher me falou, eu não sei o lugar
Que um conhecido meu (quem?) ia me matar
Precisava acalmar a adrenalina
Precisava parar com a cocaína
Não tô sentindo meu braço
Nem me mexer da cintura pra baixo
Ninguém na multidão vem me ajudar
Que sede da porra, eu preciso respirar
Cadê meu irmão?
Eu tô ouvindo alguém me chamar
(sirene, choro de criança, respiração ofegante, risos)

MANO BROWN
Nunca mais vi meu irmão

Diz que ele pergunta de mim (não sei, não)
A gente nunca teve muito a ver
Outra ideia, outro rolê
Os maluco lá do bairro
Já falava de revólver, droga, carro
Pela janela da classe, eu olhava lá fora
A rua me atraía mais do que a escola
Fiz dezessete, tinha que sobreviver
Agora eu era um homem, tinha que correr
No mundão você vale o que tem
Eu não podia contar com ninguém
Cuzão, fica você com seu sonho de doutô
Quando acordar cê me avisa, morô?
Eu e meu irmão era como óleo e água
Quando eu saí de casa trouxe muita mágoa
Isso há mais ou menos seis anos atrás
Porra, mó saudade do meu pai
Me chamaram pra roubar um posto
Eu tava duro, era mês de agosto
Mais ou menos três e meia, à luz do dia
Tudo fácil demais, só tinha um vigia
Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém viu
Atiraram na gente, um moleque caiu
Prometi pra mim mesmo, era a última vez
Porra, ele só tinha dezesseis
Não, não, não, eu tô a fim de parar
Mudar de vida, ir pra outro lugar
Um emprego decente, sei lá
Talvez eu volte a estudar
Dormir à noite era difícil pra mim
Medo, pensamento ruim
Ainda ouço gargalhada, choro, vozes
A noite era longa, mó neurose
Tem uns maluco atrás de mim
Qual que é? Eu nem sei
Diz que o Guina tá em cana e eu que caguetei
Logo quem, logo eu, olha só, ó
Que sempre segurei os B.O.

Não, eu não sou bobo, eu sei qualé que é
Mas eu não tô com esse dinheiro que os cara quer
Maior que o medo, o que eu tinha era decepção
A trairagem, a pilantragem, a traição
Meus aliado, meus mano, meus parceiro
Querendo me matar por dinheiro
Vivi sete anos em vão
Tudo que eu acreditava não tem mais razão
Não...

Meu sobrinho nasceu
Diz que o rosto dele é parecido com o meu
É, diz...
Um pivete eu sempre quis
Meu irmão merece ser feliz
Deve estar a essa altura
Bem perto de fazer a formatura
Acho que é direito, advocacia
Acho que era isso que ele queria
Sinceramente, eu me sinto feliz
Graças a Deus, não fez o que eu fiz
Minha finada mãe, proteja o seu menino
O diabo agora guia o meu destino
Se o júri for generoso comigo
Quinze anos pra cada latrocínio
Sem dinheiro pra me defender
Homem morto, cagueta, sem ser
Que se foda, deixa acontecer
Não há mais nada a fazer
Essa noite eu resolvi sair
Tava calor demais, não dava pra dormir
Ia levar meu canhão, sei lá, decidi que não
É rapidinho, não tem precisão
Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar
Acabou meu cigarro, vou até o bar

[OUTRO]
E aí, como é que é, e aquela lá, ó?

MANO BROWN
Tô devagar, tô devagar

Tem uns barato que não dá pra perceber
Que tem mó valor e você não vê
Uma pá de árvore na praça, as criança na rua
O vento fresco na cara, as estrela, a lua
Dez minuto atrás, foi como uma premonição
Dois moleque caminharam em minha direção
Não vou correr, eu sei do que se trata
Se é isso que eles querem
Então vem, me mata
Disse algum barato pra mim que eu não escutei
Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei
Uma três-oito-zero prateada... que eu mesmo dei
Um moleque novato com a cara assustada

[OUTRO]

Aí, mano, o Guina mandou isso aqui pra você!
(*tiros*)

MANO BROWN

Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada
Sinto a roupa grudada no corpo
Eu quero viver, não posso estar morto
Mas se eu sair daqui eu vou mudar
Eu tô ouvindo alguém me chamar

RAPAZ COMUM

Edi Rock

(trechos de narração de uma partida de futebol pela televisão, vozes de homens acompanhando o jogo, toca uma campainha e alguém vai atender, sons de tiros, um carro parte cantando pneu)

EDI ROCK

Parece que alguém está me carregando perto do chão
Parece um sonho, parece uma ilusão
A agonia, o desespero toma conta de mim
Algo no ar me diz que é muito ruim
Meu sangue quente, não sinto dor
A mão dormente não sente o próprio suor
Meu raciocínio fica meio devagar
Quem me fodeu? Eu tô tentando me lembrar
Cresceu o movimento ao meu redor
Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior
(O que é pior?)

Mentir a vida toda pra si mesmo
Ou continuar e insistir no mesmo erro
Me lembro de um fulano

ICE BLUE

Mata esse mano!

EDI ROCK

Será que errar dessa forma é humano?
Errar a vida inteira é muito fácil
Pra sobreviver aqui tem que ser mágico
Me lembro de várias coisas ao mesmo tempo
Como se eu estivesse perdendo tempo

ICE BLUE

A ironia da vida é foda!

EDI ROCK

Que valor tem? Quanto valor tem?
Uma vida vale muito, vim saber só agora
Deitado aqui e os mano na paz, tudo lá fora

Puxando ferro ou talvez batendo uma bola

[OUTRO]

Pode crê

ICE BLUE

Deve tá mó lua da hora

EDI ROCK

Tem alguém me chamando, quem é?

Apertando minha mão, tem voz de mulher

O choro a faz engolir as palavras

Um lenço que enxuga meu suor

Enxuga sua própria lágrima

No rosto de uma mãe que reza baixinho

Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho

Me ensinou o caminho desde criança

Minha infância, mais uma eu guardo na lembrança

Na esperança da periferia eu sou mais um

[VÁRIOS]

Click, cleck, bum!

Rapaz comum

Click, cleck, bum!

A lei da selva é assim

Click, cleck, bum!

Predatória

Rapaz comum

A lei da selva é assim

Click, cleck, bum!

Preserve a sua glória

EDI ROCK

Queria atrasar o meu relógio

Pra mim vale muito um minuto a mais de ódio

Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido

Eu vou mais alto, cuzão, pra te levar comigo

Vou ser um encosto na sua vida

Você criou um monstro sem cura, sem alternativa

Me enganar pra quê?

Se o fim é virar pó

Fiquei muito pior

Segura o seu B.O.

O preto aqui não tem dó

Mais uma vida desperdiçada e é só
Uma bala vale por uma vida do meu povo
No pente tem quinze, sempre há menos no morro
E então?
Quantos manos iguais a mim se foram?
Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!
Que que pega aqui? Que que acontece ali?
Vejo isso frequentemente, desde moleque
Quinze de idade já era o bastante, então
Treta no baile, então, tiros de monte
Morte nem se fala
Eu vejo um cara agonizando

ICE BLUE

Chame a ambulância! Alguém chame a ambulância!

EDI ROCK

Depois ficava sabendo na semana
Que dois já era
Os preto sempre teve fama
No jornal, revista, TV se vê
Morte aqui é natural, é comum de se ver
Caralho! Não quero ter que achar normal
Ver um mano meu coberto com jornal
É mal, cotidiano suicida
Quem entra tem passagem só pra ida
Me diga, me diga

ICE BLUE

Que adianto isso faz?

EDI ROCK

Me diga, me diga
Que vantagem isso traz?

Então, a fronteira entre o céu e o inferno tá na sua mão
Nove milímetros de ferro
Cuzão! Otário! Que porra é você?
Olha no espelho e tenta entender
A arma é uma isca pra fisgar
Você não é polícia pra matar
É como uma bola de neve
Morre um, dois, três, quatro

Morre mais um em breve
Sinto na pele, me vejo entrando em cena
Tomando tiro igual filme de cinema

[VÁRIOS]

A lei da selva é assim

Predatória

Preserve a sua glória

Click, cleck, bum!

Rapaz comum

A lei da selva é assim

Predatória

Preserve a sua glória

Click, cleck, bum!

Rapaz comum

A lei da selva é assim

Predatória

Predatória

EDI ROCK

Minha ideia tá clareando

Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá esgotando

Não quero admitir, meus olhos vão abrir

Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir

Não quero admitir que sou mais um

Infelizmente é assim, aqui é comum

Um corpo a mais no necrotério, é sério

Um preto a mais no cemitério, é sério

Eu tô me vendo agora e é difícil

Minha família, meus mano, no centro um crucifixo

Meus filhos olhando sem entender o porquê

Se eu pudesse falar talvez iriam saber

Não acredito que esse mano veio até aqui

Me matou, quer certeza e quer conferir

Me acompanham até a sepultura

Vejo um tumulto no caixão, hã, e alguém segura

Mais uma mãe que não se conforma

Perder um filho dessa forma é foda

Quem se conforma?

Como eu podia imaginar no velório de outras pessoas?

Hoje estou no lugar

No buraco desce meu caixão
Jogam terra, flores, se despedem na última oração
Tão me chamando, meu tempo acabou
Não sei pra onde ir, não sei pra onde vou
Qual que é? Qual que é? O que que eu vou ser?
Talvez um anjo de guarda pra te proteger
Não sou o último, nem muito menos o primeiro
A lei da selva é uma merda e você é o herdeiro

• • •

Edi Rock

[Instrumental]

DIÁRIO DE UM DETENTO

Jocenir e Mano Brown

MANO BROWN

São Paulo, dia primeiro de outubro
De mil novecentos e noventa e dois
Oito horas da manhã

Aqui estou mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José
Servindo um Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson
Ele sabe o que eu desejo
Sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão:
Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina
Pode crê, o moleque é gente fina

Tirei um dia a menos, ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10

Cada detento, uma mãe, uma crença
Cada crime, uma sentença
Cada sentença, um motivo, uma história
De lágrima, sangue, vidas e glórias
Abandono, miséria, ódio, sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto: eis um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão
Aqui não tem santo
Ratatatá, preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic, tac, ainda é nove e quarenta
O relógio na cadeia anda em câmera lenta
(groove)

MANO BROWN

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é, não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador
Hoje tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca
Não suporta o tédio, arruma quiaca
Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol
Um preso se enforcou com o lençol

Qual que foi? Quem sabe não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes
Aí, moleque, me diz, então: cê quer o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos seus artigo importado
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral?
Um dia no Carandiru, não ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril
Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil
Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis
Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada
Mas pro Estado é só um número, mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês cada
Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas fruta, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma nove milímetro embaixo da blusa
Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?

ICE BLUE

Aquele puto é ganso, pilantra, corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó

MANO BROWN

Esses papo me incomoda
Se eu tô na rua é foda

ICE BLUE

É, o mundo roda, ele pode vir pra cá

MANO BROWN

Não, já, já meu processo tá aí

Eu quero mudar, eu quero sair

Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum

E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um

Amanheceu com sol, dois de outubro

Tudo funcionando, limpeza, jumbo

De madrugada eu senti um calafrio

Não era do vento, não era do frio

Acerto de conta tem quase todo dia

Ia ter outro logo mais, hã, eu sabia

Lealdade é o que todo preso tenta

Conseguir a paz de forma violenta

Se um salafrário sacanear alguém

Leva ponto na cara igual Frankenstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela

Fudeu, foi além, se pã, tem refém

A maioria se deixou envolver

Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder

Dois ladrões considerados passaram a discutir

Mas não imaginavam o que estaria por vir

Traficantes, homicidas, estelionatários

Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá, caviar e champahe

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil

Como modess usado ou bombril

Cadeia guarda o que o sistema não quis

Esconde o que a novela não diz

Ratatatá, sangue jorra como água

Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23
Sem padre, sem repórter
Sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolf Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio, e ri como a hiena
Ratatatá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia três de outubro, diário de um detento

PERIFERIA É PERIFERIA (EM QUALQUER LUGAR)

Edi Rock

EDI ROCK

Este lugar é um pesadelo periférico
Fica no pico numérico de população
De dia, a pivotada a caminho da escola
À noite vão dormir enquanto os mano decola
Na farinha, na pedra
Usando droga de monte, que merda
Eu sinto pena da família desses cara
Eu sinto pena, ele quer mais, ele não para
Um exemplo muito ruim pros moleque
Pra começar é rapidinho e não tem breque
Herdeiro de mais alguma dona Maria

[OUTRO]

Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria

EDI ROCK

Porque o chefe da casa trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário
Esmola de patrão, cuzão, milionário
Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
Trezentos e sessenta dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem, vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer
Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais

O bastante pra um filme de guerra

[VÁRIOS]

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Periferia, gente pobre

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Periferia é periferia

EDI ROCK

Um mano me disse que quando chegou aqui

Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí

Outro maluco diz que ainda é embaçado

Quem não morreu, tá preso ou sossegado

Quem se casou quer criar o seu pivete, ou não

Cachimbar e ficar doido igual moleque, então

A covardia dobra a esquina e mora ali

Lei do cão, lei da selva, hora de subir

[OUTRO]

Mano, que treta, mano!

Mó treta, você viu?

Roubaram o dinheiro daquele tio!

EDI ROCK

Que se esforça, sol a sol, sem descansar

Nossa Senhora o ilumine e nada vai faltar

É uma pena, um mês inteiro de trabalho

Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!

O ódio toma conta de um trabalhador

Escravo urbano, um simples nordestino

Comprou uma arma pra se autodefender

Quer encontrar o vagabundo

Que essa vez não vai ter... boi

[OUTRO]

Qual que foi?

EDI ROCK

Não vai ter boi

[OUTRO]

Qual que foi?

EDI ROCK

A revolta deixa o homem de paz imprevisível

E sangue no olho, impiedoso e muito mais

Com sede de vingança e prevenido

Com ferro na cinta, acorda na madrugada de quinta
Um pilantra andando no quintal
Tentando, roubando as roupas do varal
Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo é lamentável
Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia
Dezenove anos jogados fora
É foda, essa noite chove muito porque Deus chora

[VÁRIOS]

Muita pobreza, estoura a violência
Nossa raça está morrendo mais cedo
Não me diga que está tudo bem
Muita pobreza, estoura a violência
Nossa raça está morrendo mais cedo
A verdade seja dita

EDI ROCK

Vi só alguns anos pra cá, pode acreditar
Já foi bastante pra me preocupar com meus filhos
Periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal
Ultimamente andam os doido pela rua
Louco na fissura, te estranham na loucura
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano
Roubar é mais fácil que tramar, mano
É complicado, o vício tem dois lado
Depende disso ou daquilo, ou não, tá tudo errado
Eu não vou ficar do lado de ninguém porque:
Quem vende a droga pra quem?
Vem pra cá de avião ou pelo porto, cais
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você

[VÁRIOS]

Periferia é periferia
Que horas são, não sei responder
Periferia é periferia
Milhares de casas amontoadas
Periferia é periferia

Vacilou, ficou pequeno, pode acreditar
Periferia é periferia (em qualquer lugar)
Gente pobre
Periferia é periferia
Vários botecos abertos, várias escolas vazias
Periferia é periferia
E a maioria por aqui se parece comigo
Periferia é periferia
Mães chorando, irmãos se matando, até quando?
Periferia é periferia (em qualquer lugar)
Gente pobre
Periferia é periferia
Aqui, meu irmão, é cada um por si
Periferia é periferia
Molecada sem futuro, eu já consigo ver
Periferia é periferia
Aliados drogados
Periferia é periferia (em qualquer lugar)
Gente pobre
Periferia é periferia
Deixe o crack de lado, escute o meu recado

QUAL MENTIRA VOU ACREDITAR

Mano Brown e Edi Rock

(som de rádio passando de uma estação para outra, tocando trechos de diferentes músicas)

EDI ROCK

São apenas dez e meia, tem a noite inteira
Dormir é embaçado numa sexta-feira
TV é uma merda, prefiro ver a lua
Preto Edi Rock está a caminho da rua
Sei lá, vou pruma festa, se pã
Se os cara não colar, volto às três da manhã
Tô devagar, tô a cinquenta por hora
Ouvindo funk do bom, minha trilha sonora
A polícia cresce o olho, eu quero que se foda
Zona Norte, a bandidagem curte a noite toda
Eu me formei suspeito profissional
Bacharel, pós-graduado em tomar geral
Eu tenho um manual com os lugares, horários
De como dar perdido

(sirene de polícia)

[OUTRO]

Ai, carai

(voz de policial)

Prefixo da placa é eme ípsilon
Sentido Jaçanã, Jardim Hebron

EDI ROCK

Quem é preto como eu já tá ligado qual é
Nota fiscal, RG, polícia no pé

(voz de policial)

Escuta aqui...

O primo do cunhado do meu genro é mestiço
Racismo não existe, comigo não tem disso
É pra sua segurança...

EDI ROCK

Falô, falô, deixa pra lá
Vou escolher em qual mentira vou acreditar

[VÁRIOS]

Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar
A noite é assim memo, então, deixa rolar
Em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar

EDI ROCK

Pô, ques cara chato, ó!
Quinze pras onze, eu nem fui muito longe
E os homi embaçou
Revirou os banco, amassou meu boné branco
Sujou minha camisa do Santos
Eu nem me lembro mais pra onde eu vou
(som de bipe tocando)

EDI ROCK

E agora, quem será que ligou?

ICE BLUE

Me espere na estação, eu tô na Zona Sul
Eu chego rapidinho

Assinado: Blue

EDI ROCK

Pode crê, naquele lado de Santana
Conheço uns lugar, conheço umas fulana
Juliana? Não
Mariana? Não
Alessandra? Não
Adriana?

O nome é só um detalhe, o nome é só um nome
Nove, cinco, três... hum... esqueci o telefone

ICE BLUE

Orra, demorô!

EDI ROCK

E aí, Blue, como é que é?

ICE BLUE

Isso aqui é um inferno, tem uma pá de mulher

Trombei uma pá de gente, uma pá de mano

EDI ROCK

Pode crê

ICE BLUE

Tô há quase uma hora te esperando
Passou uma figura aqui e deu a ideia
Disse que te conhece
Se pá chama Léa

EDI ROCK

Eu?

ICE BLUE

Cabelo solto, vestido vermelho
Estrategicamente a um palmo do joelho
Os cara comentava o visual
Ó os bico e tal, pagando mó pau
Ninguém falou um “a”
Ah, mas eu ouvia
Meio mundo xingando por telepatia

EDI ROCK

Filha da puta

ICE BLUE

Economizava o meu vocabulário
Não tinha o que falar, falava o necessário
Meio assim, é claro
Sei lá qual é que é, truta
O que não falta é mina filha da puta
Tudo comigo, confio no meu taco
Versão africana Don Juan DeMarco
Tudo muito bom, tudo muito bem
Sei lá, o que que tem?
Ideia vai, ideia vem
Ela era a princesa, eu era o plebeu
Quem é mais foda que eu, espelho, espelho meu?

EDI ROCK

Tipo Taís de Araújo ou Camila Pitanga?

ICE BLUE

Uma mistura

Confesso, fiquei de perna bamba

Será que ela aceita ir comigo pro baile?
Ou ir pra Zona Sul ter um grand finale?
Amor com gosto de gueto até as seis da manhã
Me chamar de “meu preto” e me cantar Djavan
Ninguém ouviu, mas puta que pariu!
Em fração de segundo meu castelo caiu
A mais bonita da escola, rainha passista
Se transformou numa vaca nazista
Eu ouvindo James Brown, pá, cheio de pose
Ela pergunta se eu tenho... O quê? Guns N' Roses?
Lógico que não!
A mina quase histérica
Meteu a mão no rádio e pôs na Transamérica

EDI ROCK

Como é que ela falou?

ICE BLUE

Só se liga nessa

Que mina cabulosa, olha só que conversa
Que tinha bronca de neguinho de salão

EDI ROCK

Não...

ICE BLUE

Que a maioria é maloqueiro e ladrão

EDI ROCK

Aí não!

ICE BLUE

Aí não, mano, foi por pouco
Eu já tava pensando em capotar no soco
Disse pra mim não falar gíria com ela

EDI ROCK

Pode crê

ICE BLUE

Pra me lembrar que eu não tô na favela
Bate-boca, mó guela
Será que é meia-noite já?
A Cinderela virou bruxa do mar
Me humilhar não vai
Vai tirar o carai

Levanta seu rabo racista e sai

EDI ROCK

Eu conheço essa perversa há mó cara
Correu a banca toda de uns playba que cola lá na área

ICE BLUE

Pra mim ela já disse que era solitária
Que a família era rígida e autoritária
Tem vergonha de tudo, cheia de complexo
Que ainda era cedo pra pensar em sexo

EDI ROCK

A noite é assim mesmo, então, deixa rolar
Vou escolher em qual mentira vou acreditar

[VÁRIOS]

Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar
A noite é assim memo, então, deixa rolar
Em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar

ICE BLUE

Ih, caralho, olha só quem tá ali
O que que esse mano tá fazendo aqui?

EDI ROCK

Aí, esse maluco veio agora comigo
Ligou que era até seu amigo
Morava lá na Sul, irmão da Cristiane
Dei um cavalo pra ele no Lauzane
Ia levar um recado pruns parente local
Da igreja evangélica pentecostal
Desceu do carro acenando a mão

[OUTRO]

A paz do Senhor

EDI ROCK

E ninguém dava atenção
Bem diferente o estilo dos crente
Bombojaco, touca, mas a noite tá quente
Que barato estranho, só aqui tá escuro
Justo nesse poste não tem luz de mercúrio
Passaram vinte fiéis até agora

Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora
Um irmão muito sério em frente à garagem
Outro com a mão na cintura em cima da laje
De vez em quando a porta abre e um diz:

[OUTRO]

Tem do preto e do branco!

EDI ROCK

Hã, e coça o nariz

Isso sim, isso que é união
O irmão saiu feliz, sem discriminação
De lá pra cá veio gritando, rezando

[OUTRO]

Aleluia, as coisas tá melhorando

EDI ROCK

Esse cara é dentista?

Sei lá...

Diz que a firma dele chama Boca S.A.
Será material de construção?
Vendedor de pedras?

Lá na Zona Sul era patrão

ICE BLUE

Que... patrão o caralho, ele é safado
Fugiu do Valo Velho com os dias contados

EDI ROCK

Tava desconfiando

ICE BLUE

Na paranoia de fumar era fatal
Arrombava os barraco e saqueava os varal

EDI ROCK

Demorô

ICE BLUE

Bateu na cara do pai dum vagabundo

EDI ROCK

Hum, tá fazendo hora extra no mundo

ICE BLUE

A noite tá boa, a noite tá de barato
Mas puta, gambé, pilantra é mato

[VÁRIOS]

Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Qual mentira vou acreditar

A noite é assim memo, então, deixa rolar
Qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Qual mentira vou acreditar

EDI ROCK

Tem que andar é esperto, mano
Eu não confio nem na minha própria sombra, quando eu saio
Vou dar um rolê...
Mas tem que saber curtir, tem que saber lidar, morô?

[VÁRIOS]

A noite é assim memo, então, deixa rolar
Qual mentira vou acreditar
Qual mentira vou acreditar
A noite é assim memo, então, deixa rolar
Qual mentira vou acreditar

10

MÁGICO DE OZ

Edi Rock

[PULGA DO ABC]

Comecei a usar pra esquecer dos problema

Fugi de casa

Meu pai chegava bêbado e me batia muito

Eu queria sair dessa vida

Meu sonho?

É estudar, ter uma casa, uma família

Se eu fosse mágico?

Não existia droga, nem fome e nem polícia

EDI ROCK

Tenho fé

Tenho fé

Aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia

Tá na correria, como vive a maioria

Preto desde nascença, escuro de sol

Eu tô pra ver ali igual no futebol

Sair um dia das ruas é a meta final

Viver decente, sem ter na mente o mal

Tem o instinto que a liberdade deu

Tem a malícia que cada esquina deu

Conhece puta, traficante, ladrão

Toda raça, uma pá de alucinado e nunca embaçou

Confia neles mais do que na polícia

Quem confia em polícia? Eu não sou louco

A noite chega, e o frio também, sem demora

E a pedra, o consumo aumenta a cada hora

Pra aquecer ou pra esquecer, viciar

Deve ser pra se adormecer, pra sonhar

Viajar na paranoia, na escuridão

Um poço fundo de lama, mais um irmão

Não quer crescer, ser fugitivo do passado

Envergonhar-se aos vinte e cinco ter chegado

Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz

[VÁRIOS]

Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

EDI ROCK

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo
“Homem na estrada” eles gostam
Só bagaceira, só, o dia inteiro, só
Como ganha um dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex, ouro no pescoço à custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem?
A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção à luz do céu
Que vida agitada, hein?!
Gente pobre tem, periferia tem... Você conhece alguém?
Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto
Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorcer
Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morrer dessa porra de crack
Relaciona os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar?
Das duas, uma: eu não quero desandar
Por aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá
Matando os outros em troca de dinheiro e fama
Grana suja, como vem, vai, não me engana
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz

[VÁRIOS]

Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

EDI ROCK

Ei, mano, será que ele terá uma chance?
Quem vive nessa porra merece uma revanche
É um dom que você tem de viver
É um dom que você recebe pra sobreviver
História chata, mas cê tá ligado
Que é bom lembrar: quem entrar
É um em cem pra voltar
Quer dinheiro pra vender? Tem um monte aí
Tem dinheiro, quer usar? Tem um monte aí
Tudo dentro de casa vira fumaça
É foda
Será que Deus deve tá provando minha raça?
Só desgraça gira em torno daqui
Falei do JB ao Piqueri e Mazzei
Rezei pra um moleque que pediu:
“Qualquer trocado, qualquer moeda. Me ajuda, tio”
Pra mim não faz falta, uma moeda não neguei
E não quero saber... O que que pega se eu errei?
Independente, a minha parte eu fiz
Tirei um sorriso ingênuo, fiquei um terço feliz
Se diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia no Brasil, quem não rouba?
Ele só não tem diploma pra roubar
Ele não se esconde atrás de uma farda suja
É tudo uma questão de reflexão, irmão
É uma questão de pensar
A polícia sempre dá o mal exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro
Pra dentro de cada canto da cidade
Pra cima dos quatro extremos da simplicidade
A minha liberdade foi roubada
Minha dignidade, violentada
Que nada

Os manos se ligar
Parar de se matar, amaldiçoar
Levar pra longe daqui essa porra
Não quero que um filho meu um dia (Deus me livre!) morra
Ou um parente meu acabe com um tiro na boca
É preciso eu morrer pra Deus ouvir minha voz
Ou transformar aqui no mundo mágico de Oz

[VÁRIOS]

Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

EDI ROCK

Jardim Filhos da Terra e tal
Jardim Hebrom, Jaçanã e Jova Rural
Piqueri, Mazzei, Nova Galvão
Jardim Curisco, Fontalis e então
Campo Limpo, Guarulhos, Jardim Peri
JB, Edu Chaves e Tucuruvi
Alô, Doze, Mimosa, São Rafael
Zaki Narchi, tenha um lugar no céu
(Pode crê, tenha um lugar)
Às vezes eu fico pensando se Deus existe memo, morô?
Porque meu povo já sofreu demais e continua sofrendo até hoje
Só que aí eu vejo os moleque nos farol, na rua
Muito louco de cola, de pedra
E eu penso que poderia ser um filho meu, morô?
Mas aí
Eu tenho fé
Eu tenho fé
Eu tenho fé
Eu tenho fé
Em Deus

11

FÓRMULA MÁGICA DA PAZ

Mano Brown

MANO BROWN

Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?
Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho
A minha vida é aqui e eu não consigo sair
É muito fácil fugir, mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou
Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim
O ensinamento da favela foi muito bom pra mim
Cada lugar, um lugar, cada lugar, uma lei
Cada lei, uma razão, e eu sempre respeitei
Qualquer jurisdição, qualquer área
Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária
Funchal, Pedreira e tal, Joaniza
Eu tento adivinhar o que você mais precisa
Levantar sua goma ou comprar uns pano
Um advogado pra tirar seu mano
No dia da visita você diz
Que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X
Então, como eu tava dizendo, sangue bom
Isso não é sermão, ouve aí, tem o dom?
Eu sei como é que é
É foda, parceiro
É... a maldade na cabeça o dia inteiro
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego
Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro
Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer
Encontre uma de caráter se você puder
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente
Aqui quem fala é mais um sobrevivente

Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis All Star
Na roda da função mó zoeira
Tomando vinho seco em volta da fogueira
A noite inteira, só contando história
Sobre o crime, sobre as treta na escola
Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério
Admirava os ladrão e os malandro mais velho
Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga
O que melhorou? Da função, quem sobrou?
Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá
Qual a próxima mãe que vai chorar?
Há, demorô!
Mas hoje eu posso compreender
Que malandragem de verdade é viver
Agradeço a Deus, aos orixás
Parei no meio do caminho e olhei pra trás
Meus outros manos todos foram longe demais
Cemitério São Luiz, aqui jaz
Mas que merda, meu oitão tá até a boca
Que vida loka, por que é que tem que ser assim?
Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim:
“Agora eu quero ver, ladrão!”

[OUTRO]

Pá, pá, pá, pá!

MANO BROWN

Enfim...

É... sonho é sonho, deixa quieto
Sexto sentido é um dom, eu tô esperto
Morrer é um fator, mas conforme for
Tem no bolso e na agulha e mais cinco no tambor
Joga o jogo, vamo lá, caiu a oito eu mato a par
Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz
De encontrar a fórmula mágica da paz

[VÁRIOS]

Eu vou procurar, sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da minha fórmula mágica da paz

Eu vou procurar, sei que vou encontrar

Procure a sua

Eu vou procurar, eu vou procurar

Você não bota uma fé

Eu vou atrás da minha

Você não bota uma fé

MANO BROWN

Caralho, que calor, que horas são agora?

Dá pra ouvir a pivotada gritando lá fora

Hoje acordei cedo pra ver

Sentir a brisa de manhã e o sol nascer

É época de pipa, o céu tá cheio

Quinze anos atrás eu tava ali no meio

Lembrei de quando era pequeno, eu e os cara

ICE BLUE

Faz tempo

MANO BROWN

Faz tempo e o tempo não para

Hoje tá da hora o esquema pra sair

É... vamo, não demora, mano, chega aí

ICE BLUE

Cê viu onti? Os tiro ouvi um monte

Então, diz que tem uma pá de sangue no campão

MANO BROWN

Mas... Ih, mano, toda mão é sempre a mesma ideia junto

Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto

Traz a fita pra ouvir porque eu tô sem

Principalmente aquela lá do Jorge Ben

Uma pá de mano preso chora a solidão

Uma pá de mano solto sem disposição

Empenhorando por aí rádio, tênis, calça

Acende no cachimbo, virou fumaça

Não é por nada, não, mas aí, nem me liga, ó

A minha liberdade eu curto bem melhor

Eu não tô nem aí pra o que os outros fala

Quatro, cinco, seis preto num Opala

Pode vim, gambé, paga pau, tô na minha, na moral

Na maior, sem goró, sem pacau, sem pó

Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra
Não sou pedreiro, não fumo pedra
Um rolê com os aliado já me faz feliz
Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis
Procure a sua, a minha eu vou atrás
Até mais, da fórmula mágica da paz

[VÁRIOS]

Eu vou procurar, sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da fórmula mágica da paz
Eu vou procurar, sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás

MANO BROWN

Choro e correria no saguão do hospital
Dia das Criança, feriado indo pro final
Sangue e agonia entra pelo corredor
“Ele tá vivo? Pelo amor de Deus, doutor!”
Quatro tiros do pescoço pra cima
Puta que pariu, a chance é mínima
Aqui fora, revolta e dor
Lá dentro, estado desesperador
Eu percebi quem eu sou realmente
Quando eu ouvi o meu subconsciente

MANO BROWN [com voz distorcida]
E aí, Mano Brown, cuzão, cadê você?
Seu mano tá morrendo, o que você vai fazer?

MANO BROWN
Pode crê, eu me senti inútil
Eu me senti pequeno
Mais um cuzão vingativo

ICE BLUE
Vai vendo

MANO BROWN
Puta desespero, não dá pra acreditar
Que pesadelo, eu quero acordar
Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum
O Derley era só mais um rapaz comum

Dali a poucos minutos
Mais uma dona Maria de luto
Na parede, o sinal da cruz
Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde tá Jesus?
Mais uma vez o emissário
Não incluiu o Capão Redondo em seu itinerário
Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar
Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá
Minha ideologia enfraqueceu
Preto, branco, polícia, ladrão ou eu?
Quem é mais filha da puta, eu não sei
Aí fudeu, fudeu
Decepção essas hora
A depressão quer me pegar, vou sair fora
Dois de novembro, era Finados
Eu parei em frente ao São Luiz do outro lado
E durante uma meia hora olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum?
A roupa humilde, a pele escura
O rosto abatido pela vida dura
Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe

ICE BLUE

Que loucura

MANO BROWN

Cada lugar, uma lei, eu tô ligado
No extremo sul da Zona Sul tá tudo errado
Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz que, me diz que, não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela (legal)
Assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
A gente vive se matando, irmão, por quê?
Não me olha assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

Vou dizer...

[OUTRO]

Procure a sua paz

MANO BROWN

Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morô, meu?

Procure a sua paz

Não se acostume com esse cotidiano violento

Que essa não é a sua vida

Essa não é a minha vida, morô?

Aí, Derley, descance em paz

Aí, Carlinhos, procure a sua paz

Aí, Kiko, você deixou saudade, morô, mano?

[OUTRO]

Agradeço a Deus e aos orixás

MANO BROWN

Eu tenho muito a agradecer

[OUTRO]

Agradeço a Deus e aos orixás

MANO BROWN

Cheguei aos vinte e sete

Eu sou um vencedor, tá ligado, mano?

[OUTRO]

Agradeço a Deus e aos orixás

MANO BROWN

Aí, procure a sua

Eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz

[OUTRO]

Você não bota uma fé

MANO BROWN

Aí, manda um toque na quebrada lá

Cohab Adventista e pá, rapaziada

[OUTRO]

Malandragem de verdade é viver

MANO BROWN

Se liga, procure a sua paz

[OUTRO]

Você não bota uma fé

MANO BROWN

Aqui quem fala é Mano Brown, mais um sobrevivente

[OUTRO]

Agradeço a Deus

Agradeço a Deus

MANO BROWN

Vinte e sete ano contrariando a estatística, morô?

[OUTRO]

Agradeço a Deus

Agradeço a Deus

Procure a sua paz

MANO BROWN

Procure a sua

[OUTRO]

Eu vou procurar

Procure encontrar

Eu vou procurar

A fórmula mágica da paz

MANO BROWN

Você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso

Você pode encontrar o seu inferno

Eu prefiro a paz

12

SALVE

Mano Brown e Ice Blue

MANO BROWN

Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado dos muro
As grades nunca vão prender nosso pensamento, mano

Se liga aí, Jardim Ivana, Parque do Engenho, Jerivá
Jardim Rosana, Pirajussara, Santa Tereza

ICE BLUE

Vaz de Lima, Parque Santo Antônio, Capelinha
Promorar, Vila Calu, Branca Flor
Paranapanema, Iaracati

MANO BROWN

Novo Oriente, Parque Arariba, Jardim Ingá, Parque Ipê
Pessoal da Sabin, Jardim Marcelo, Cidade Ademar
Jardim São Carlos, Jardim Primavera, Santa Amélia
Jardim Santa Terezinha, Jardim Miriam, Vila Santa Catarina
Aí, Vietnã

ICE BLUE

Cocaia, Cipó, Colônia
Campanário em Diadema
Calux em São Bernardo
Vila Industrial em Santo André

MANO BROWN

Bairro das Pimentas
Brasilândia, Jardim Japão, Jardim Hebron
Cohab 1, Cohab 2
São Mateus, Itaim, Cidade Tiradentes
Barueri, Cohab de Taipas

ICE BLUE

Mangueira, Borel, Cidade de Deus
E aí, DF, Expansão, P Norte, P Sul
E aí, pessoal do Sul, Restinga
E aí, quebrada
Zona Noroeste, Santos

Rádio Favela, BH
E pra todos os aliados espalhados pelas favelas do Brasil
Firma!

MANO BROWN
Todos os DJs, todos os MCs
Que fazem do rap a trilha sonora do gueto
E pros filha da puta que querem jogar minha cabeça pros porco:
Aí, tenta a sorte, mano
Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo
Que andava entre mendigos e leprosos pregando a igualdade
Um homem chamado Jesus
Só ele sabe a minha hora
Aí, ladrão, tô saindo fora
Paz

AGRADECIMENTOS

BROWN AGRADECE

Deus todo-poderoso, minha família, Dinho (valeu, irmãozinho), Edmilson Sta. Rita (sem palavras), Negro Abraão, Alberto, Fábio Gordo, Fernando Fuinha, Neto, Dilmar P. de Souza pelas informações. Aos craques Edinho (príncipe), Roque, Tico, Zé Roberto, Índio, Marcos Assunção, Denilson, Anderson, Marcelo Passos. Aos MCs — Tribunal Popular, Stillo Radical, Sabedoria d'Vida, Funkn'Lata, MV Bill (RJ), Posse Haussa, Nill, Jhony MC, Tropa de Elite (DF), Mister Catra (RJ), Marquinho (Sensação), Netinho (Negritude Jr.).

BLUE AGRADECE

Minha mãe, por aguentar minhas loucuras (Argileu). Meu pai e minha mãe espiritual (meu amor). Agradeço os manos que fizeram correria no passado: No, Dão, Chico, Serginho, Jacaré, Ivan Pessoa, Jura, Jurandir, Silvão Cabeleireiro, Julio Cesar, Marquinhos Borracha, Jarrão, Primo Preto; Fabiana, Carmem, Joelma, Cris, Édna, Meire (por trincar nas horas difíceis); meu irmãozinho Eder, a família Santa Rita, família Pessoa, e minha família, ao pessoal da Zimba: Serafim, Zé Luis e William, em memória a Paulo, Eduardo, Salvador, Junior, meu filho, Deus o tenha em um bom lugar. Aos orixás por me dar força e esperança para continuar lutando!!

EDI ROCK AGRADECE

Agradeço a Deus todo-poderoso por iluminar meu caminho, ao meu pai, minha mãe, minha esposa, e as minhas filhas (fonte de inspiração), ao meu cunhado Mário (sangue bom), ao mano de fé Bebê e Fátima Black Center, muito obrigado, Valeu!!

“E um salve a todos aqueles que estão do meu lado. Paz!!”

Em memória: Derivaldo Pereira Alves, esteja em paz.

KL JAY AGRADECE

Aos DJs Ninja (valeu memo), Hum, Fresh, Negralha, Paul, Duck, Ney, Duda, Marco, Robson, TR, Loopy e o + malandro de todos DJ Will (meu filho), a todos os DJs que participaram do Hip Hop DJ 97, DMN (4P), Possementezulu (falô, sócio), Kamorra, FNR, Thaíde, Gog, Sistema Negro, RPW, Consequência, China, Kleber, Célio, Marcio, Pelé, Reginaldo, Tatu, Roberto, Jai, Mano's Cabeleireiros, Soweto, Kekerê.

Pros mano de hoje: Marco, Barata, Jean, Sagati, Suave, Pedrão, Perna, Roni, Marcus, Nei, Dentinho, Anderson, Robson da Freguesia (força aí, mano, Deus abençoe).

Pros mano de 1000 anos: Fubá, Panão, Jó, Edmilson Coyote.

E infelizmente: Lúcio (Careca), Luciano (Lauzane), Juari (Mazzei), vítimas do dia a dia violento, estejam em paz.

A toda minha família e ao maior de todos, Deus.

RACIONAIS AGRADECE

Milton Sales (doidão)

FICHA TÉCNICA DO DISCO

Produtor fonográfico: Com. de Grav. Ediç. e Confecções Racionais MC's Ltda.
Gravado no estúdio The Hit (exceto a música “Jorge da Capadócia”, gravada e mixada no Atelier Studio)

Vozes gravadas no estúdio Mundo Musical

Mixagem: Mosh Studios e Atelier Studio

Engenheiros de mixagem: Luís Paulo Serafim e Sillas Godoi

Assistentes de mixagem: Rico e Keko

Masterização: Walter Lima

Produção: Racionais MC's

Coprodução: Gertz Palma

PARTICIPAÇÕES

“Mágico de Oz”: Daniel Quirino, Priscila Maciel, Pulga e Guilherme

“Fórmula mágica da paz”: Dagô Miranda

“Tô ouvindo alguém me chamar”: Giovani, Quindim e Dinho

“Periferia é periferia”: Rinaldo BV

“Capítulo 4, versículo 3”: Primo Preto

Criação e direção de arte: Marcos Marques

Fotos: Klaus Mitteldorf

Arte: Tyco

Execução: Jayme Ribeiro

CRÉDITOS DAS MÚSICAS

Jorge da Capadócia: Jorge Ben

Gênesis (Intro): Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown)

Capítulo 4, versículo 3: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown)

Tô ouvindo alguém me chamar: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown)

Rapaz comum: Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock)

....: Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock)

Diário de um detento: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown)

e Josemir José Fernandes Prado (Jocenir)

Periferia é periferia (em qualquer lugar): Edivaldo Pereira Alves

(Edi Rock)

Qual mentira vou acreditar: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) e

Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock)

Mágico de Oz: Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock)

Fórmula mágica da paz: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown)

Salve: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) e Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue)

Copyright desta edição © 2018 by Racionais MC's

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Agradecimentos especiais a Eliane Dias e Boogie Naipe.
Agradecemos também a colaboração de Marcus Vinicius Kamau.

CAPA Marcos Marques

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Nilson Cardoso

IMAGENS DE MIOLO E QUARTA CAPA Klaus Mitteldorf

PROJETO GRÁFICO Bruno Romão

PREPARAÇÃO Vadão Tagliavini

REVISÃO Valquíria Della Pozza
Adriana Bairrada

ISBN 978-85-545-1287-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Letras (1961 - 1974)

Dylan, Bob

9788543808857

640 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em edição bilíngue, o primeiro volume das letras de um dos maiores artistas de nosso tempo — e vencedor do prêmio Nobel de literatura de 2016.Um dos grandes artistas de todos os tempos, Bob Dylan transformou para sempre a música popular americana. Autor de canções lendárias como "Like A Rolling Stone", "Mr. Tambourine Man" e "The Times They Are A-Changing", Dylan captou como poucos o espírito de sua época. Sem jamais se fixar em fórmulas de sucesso ou em demandas mercadológicas, experimentou dezenas de caminhos musicais, chocou fãs e críticos e ajudou a transformar o panorama artístico de seu país. Esta coleção, que a Companhia das Letras publicará em dois volumes, traz a íntegra de suas letras e dá a justa medida de seu talento, merecedor inclusive do prêmio Nobel de literatura. Aqui, na tradução do premiado Caetano W. Galindo, o leitor vai acompanhar uma das mentes artísticas mais brilhantes

que já conhecemos, o músico que transformou a poesia, o poeta que mudou para sempre a música. A edição traz as letras dos discos de estúdio e das gravações ao vivo, bem como variações, revisões e material inédito dos arquivos do compositor. Os discos deste primeiro volume cobrem os anos de 1961 a 1974 e a edição é bilíngue.

[Compre agora e leia](#)

O livro de Jô - Volume 2

Soares, Jô

9788554513092

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1969, Jô Soares lança o seu primeiro one-man show, Todos amam um homem gordo, no teatro da Lagoa, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, depois do enorme sucesso na Família Trapo, estreia na Globo, no programa que revolucionou os humorísticos na TV brasileira, Faça humor não faça guerra. Na aguardada segunda parte do Livro de Jô: uma autobiografia desautorizada, ele conta tudo (ou quase tudo, ou mais que tudo) que aconteceu desde então, até chegar ao talk show que mudou o fim de noite dos brasileiros. Jô Soares representou mais de duzentos personagens humorísticos e criou dezenas de bordões que entraram para o repertório da língua portuguesa do Brasil. No seu programa de entrevistas — que durou 28 anos — fez cerca de 14 mil entrevistas. Fez oito espetáculos solos em longas temporadas, dois deles apresentando também em Portugal. Dirigiu 24 peças de teatro e fez dez peças como ator. Escreveu oito livros

(incluindo este) que já venderam (excluindo este) 1,5 milhão de exemplares no mercado brasileiro, tendo sido traduzidos em vários países, entre eles Estados Unidos, França, Itália, Japão e Argentina. No volume 2 desta autobiografia desautorizada, revela como chegou a distribuir hóstias ao lado de Dom Hélder Câmara, sua vida de motoqueiro encerrada com dois acidentes, o processo que sofreu durante o período da presidência do general Emílio Garrastazu Médici (e como foi absolvido com um testemunho do poeta Carlos Drummond de Andrade), a saída para o SBT no auge do sucesso na Globo, os casamentos, a perda do filho Rafael, além de sua admiração profunda por figuras — gordas — como Orson Welles e Winston Churchill. Mas, mais do que tudo, o leitor se deliciará novamente com as histórias dele e dos outros, contadas com o melhor da verve de Jô Soares.

[Compre agora e leia](#)

Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que começemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de

desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)

Poemas

Eliot, T.S.

9788554513061

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

A obra poética de uma das vozes fundamentais do cânone ocidental em nova tradução. O conjunto de poemas reunidos neste volume bilíngue corresponde à poesia completa publicada em livro e em edições independentes lançadas em vida de um dos nomes centrais do modernismo. Entre 1917 — com Prufrock e outras observações — e 1939 — com O livro dos gatos sensatos do Velho Gambá —, T.S. Eliot produziu uma obra densa e profunda que, centrada na musicalidade, no ritmo e na sonoridade, revolucionou definitivamente a paisagem literária do século XX. Em 1948, o autor de A terra devastada, um dos mais célebres poemas da língua inglesa, recebeu o prêmio Nobel em reconhecimento à sua "contribuição excepcional e pioneira para a poesia contemporânea". Com organização, tradução e posfácio de Caetano W. Galindo, este volume traz um Eliot ao mesmo tempo cerebral e erudito, marca de sua primeira

produção, e um Eliot divertido e travesso, que já na maturidade dedicou aos seus afilhados a famosa série de poemas sobre gatos.

[Compre agora e leia](#)

Brasil: uma biografia - Pós-escrito

Schwarcz, Lilia Moritz

9788554510763

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste pós-escrito do monumental Brasil: uma biografia, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling lançam um olhar atualizado sobre os acontecimentos recentes e decisivos do país. A democracia posta em xeque, os desdobramentos das manifestações populares e o impeachment de Dilma Rousseff são alguns dos temas tratados pelas pesquisadoras, que mantêm o rigor na pesquisa e o texto fluente da obra lançada em 2015. Tanto continuidade dessa nova (e pouco convencional) biografia como análise independente do cenário brasileiro dos últimos anos, este é um convite para conhecer um país cuja história — marcada pelas falhas nos avanços sociais e pela violência — permanece em construção.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[ROSTO](#)

[Sumário](#)

[O EVANGELHO MARGINAL DOS RACIONAIS MC'S](#)

[SOBREVIVENDO NO INFERNO](#)

[1](#)

[JORGE DA CAPADÓCIA](#)

[2](#)

[GÊNESIS \(INTRO\)](#)

[3](#)

[CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3](#)

[4](#)

[TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR](#)

[5](#)

[RAPAZ COMUM](#)

[6](#)

[...](#)

[7](#)

[DIÁRIO DE UM DETENTO](#)

[8](#)

[PERIFERIA É PERIFERIA \(EM QUALQUER LUGAR\)](#)

[9](#)

[QUAL MENTIRA VOU ACREDITAR](#)

[10](#)

[MÁGICO DE OZ](#)

[11](#)

[FÓRMULA MÁGICA DA PAZ](#)

[12](#)

[SALVE](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[FICHA TÉCNICA DO DISCO](#)

[CRÉDITOS DAS MÚSICAS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

[CRÉDITOS](#)